



# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:  
  
**CIDADE VIVA**  
INSTITUTO

denominação  
**Fazenda das Palmas**

código  
**AII - FO3 - PF**

localização  
**Estrada das Palmas, localidade de Barão do Amparo**

município  
**Engenheiro Paulo de Frontin**

época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**criação de cavalos / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

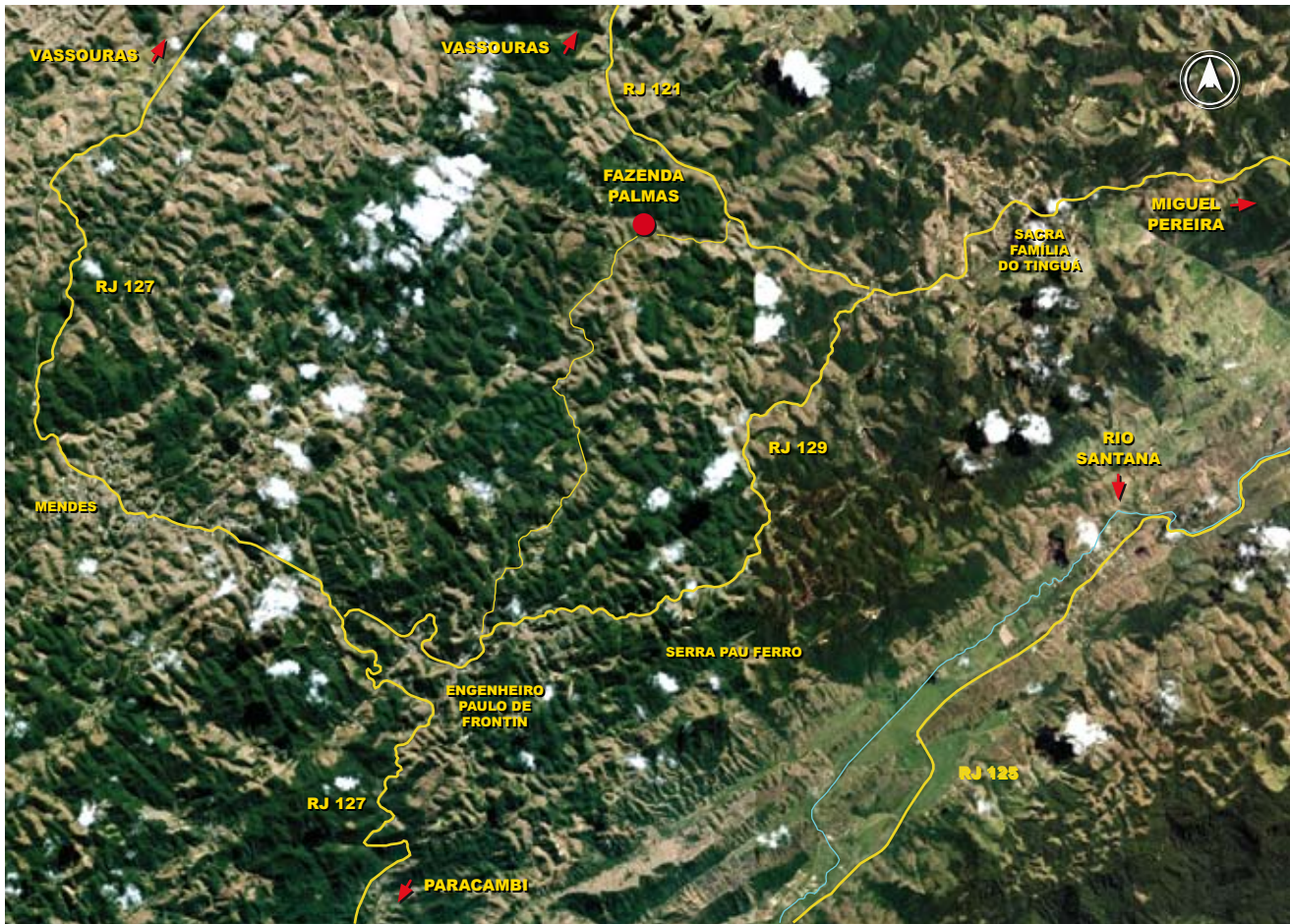
proprietário  
**particular**



Fazenda das Palmas, fachada principal

coordenador / data **Noêmia Barradas - mai 2009**  
equipe **Noêmia Barradas, Raymundo Rodrigues e Ariel Rodrigues**  
histórico **Adriano Novaes**

revisão  
**Coordenação técnica do projeto**



situação



ambiência

Diversos são os acessos existentes para se chegar à Fazenda das Palmas, sendo os mais utilizados, a RJ-121, que liga Vassouras a Miguel Pereira, e a Estrada das Palmas, que liga a sede do município Engenheiro Paulo de Frontin à localidade de Barão do Amparo. A casa-sede encontra-se a 800 m da entrada principal, percorrendo-se uma estreita estradinha de terra cujo trecho final é ladeado por palmeiras imperiais e pavimentado com paralelepípedos. A leste da casa-sede, há um lago artificial de grandes proporções feito na década de 1970 (f02) e, ao norte, densa vegetação secundária com mais de 2 km<sup>2</sup>. A Fazenda das Palmas tem, atualmente, como atividade produtiva a criação de cavalos. Os proprietários utilizam a casa-sede ocasionalmente. Apenas o caseiro e família residem na propriedade.



01



02

Casarão de fazenda tradicional construído sobre porão alto que apresenta dois óculos ovais para ventilação. O corpo da edificação conta, na fachada principal, com 11 vãos em arco pleno, ditando o alpendre uma divisão em três tramos de composição (f03). Os tramos laterais mantêm três vão de janelas cada e o tramo central, cinco, sendo o existente sobre o eixo de simetria, uma porta. Todos os vão possuem cercaduras em massa com as vergas ressaltadas por discretas sobrevergas. As janelas apresentam guilhotinas externas brancas em caixilhos de vidro com bandeira fixa com vidros coloridos e folhas internas enrelhadas, também brancas (f04 e f05).

O alpendre alteado tem seu acesso feito através de escada em pedra com dez degraus, cujo guarda-corpo em ferro acha-se tomado por vegetação trepadeira. Sua cobertura, sustentada por estrutura metálica delgada, apesar de estar em harmonia com o restante da construção – menos no que tange ao beiral acachorrado -, reúne evidências de ser uma intervenção posterior. Em construções com telhados em quatro águas como a desta fazenda, originalmente, as varandas tinham suas coberturas individualizadas e, conseqüentemente, mais baixas para haver maior proteção contra a chuva e o sol. Dois aspectos chamam atenção na conformação dessa fazenda, o fato de a varanda ter forro de madeira em saia e camisa acompanhando a inclinação da cobertura (normalmente essa solução não era utilizada em planos inclinados) (f06), e a existência de alpendre com solução individualizada na fachada posterior, melhor resolvida esteticamente (f07).



03



04



05



06



07

A fachada principal é a única que mantém as aberturas em arco pleno com bandeiras fixas, nas demais fachadas, prevalecem portas e janelas em verga reta com folhas de venezianas pelo lado externo e guilhotinas internas, contrapondo-se ao padrão estético da época (f08). Internamente, há bandeiras sobre as portas e janelas caracterizando a influência neoclássica, linguagem típica de fins do século XIX no Brasil rural.

O contraste entre o ocre do embasamento, os brancos da alvenaria e esquadrias, o azul “colonial” das cercaduras e barra da cimalha e o terracota do telhado, dá um toque de distinção à edificação.

O pátio interno permite a ventilação e iluminação dos dormitórios paralelos entre si (f09 e f10), porém sua exígua largura não corresponde ao padrão para este tipo de elemento em construções do período, o que leva a ser considerada a hipótese desta ala de fundos ter sido edificada posteriormente, provavelmente entre o final do século XIX e início do século XX.

O pátio aberto na lateral direita da casa-sede, cercado por muros e com acesso para a sala de jantar e para o setor de serviço por conjuntos de escadas de pedras com patamar central, complementa de maneira harmoniosa o perímetro da área ocupada pela construção (f11). Nos montantes dos muros há elementos decorativos em forma de compoteiras com pináculos em louça, além de vasos em massa (f12 e f13).



08



09



10



11



12



13

Internamente, o destaque da casa-sede está na capela, com retábulo de madeira e altar-mesa ornamentados em dourado, mantendo imaginária de porte variado. O forro de madeira no formato de gamela apresenta pintura de cunho religioso inscrita em molduras com formas geométricas (f14 e f15).

Na sala de estar principal o forro de madeira possui padrão saia e camisa na cor branca, mesma conformação dos outros ambientes. Na sala de jantar, há pinturas de vinhetas com guirlandas sob o peitoril das janelas, além de painéis maiores nas paredes, com pinturas anedóticas (f16).



14



15

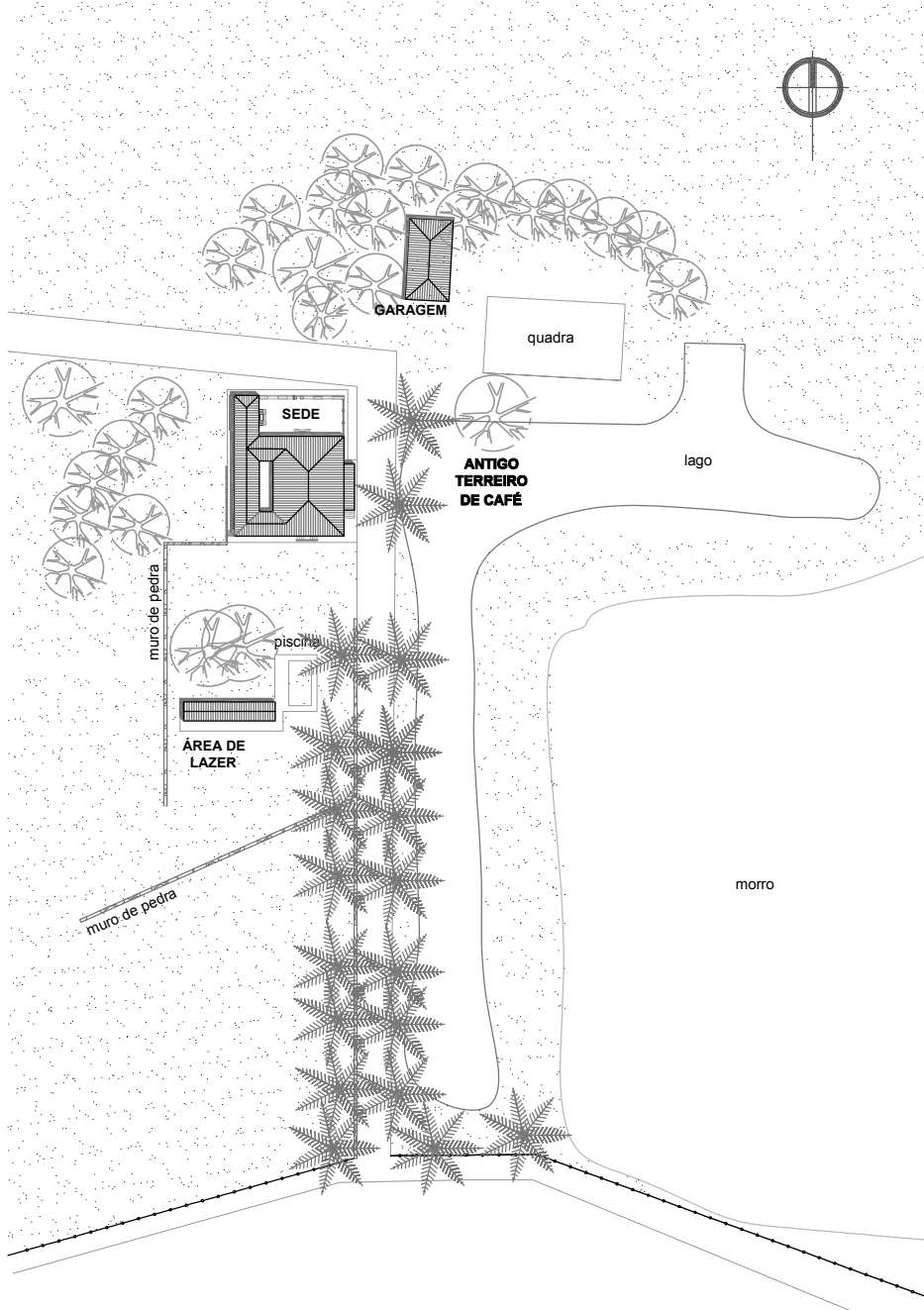


16

As construções da propriedade se encontram em bom estado de conservação. As únicas patologias identificadas acontecem em função de umidade ascendente e descendente, em algumas paredes externas (f17).



**FAZENDA DAS PALMAS**



1

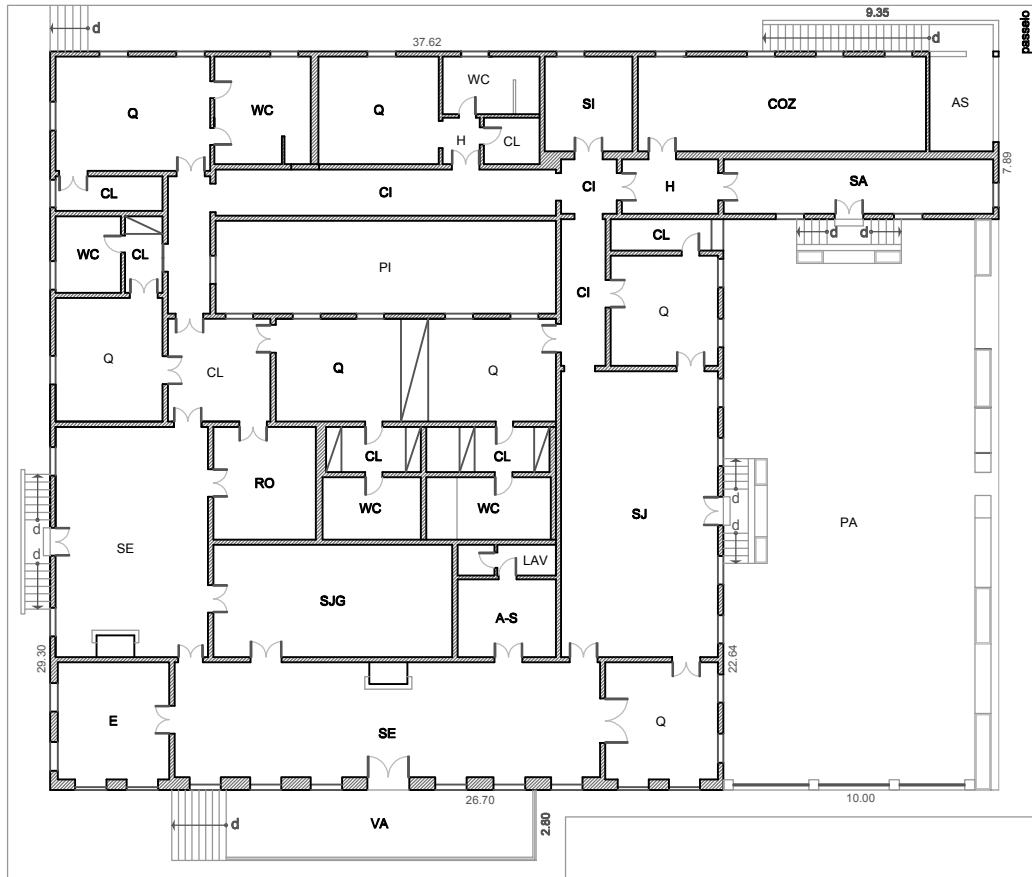
**Implantação**

escala: 1/2000

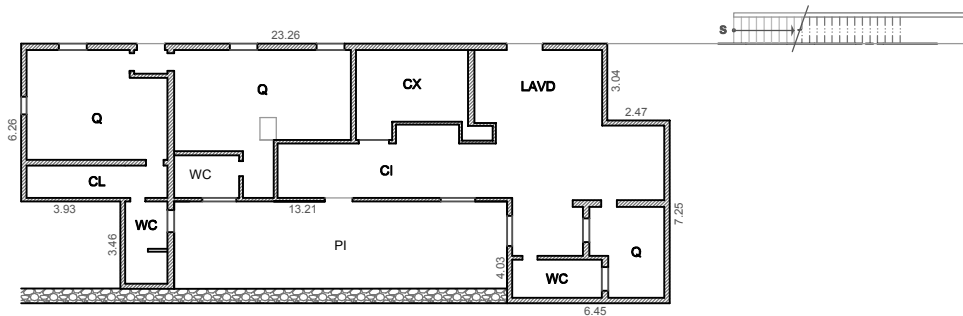




**FAZENDA DAS PALMAS**



**2** Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento  
escala: 1/300



**1** Planta Baixa da Sede - Térreo  
escala: 1/300



AS - área de serviço	CL - closet	H - hall	PA - pátio	RO - rouparia	SJ - sala de jantar	VA - varanda
A-S - ante-sala	COZ - cozinha	LAV - lavabo	PI - pátio interno	SA - sala de almoço	SJG - salão de jogos	
CI - circulação	CX - caixa d'água	LAVD - lavanderia	Q - quarto	SE - sala de estar	WC - banheiro	alvenaria existente

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AII - F03 - PF

**2/2**

equipe:  
Noemia Barradas / Raymundo Rodrigues / Ariel Rodrigues

desenhista:  
Noemia Barradas

revisão:  
Francyla Bousquet

data:  
julho 2009

Uma das pioneiras na cultura do café no Vale do Paraíba, a Fazenda das Palmas surgiu entre o final do século XVIII e início do XIX. Teria sido fundada por Bento Luiz de Oliveira Braga.

Oliveira Braga foi proprietário também do importante Engenho da Posse, em Nossa Senhora da Apresentação do Irajá, bem como dos engenhos de Nazaré, em Santo Antônio do Jacotinga, Sapopemba e Caioaba, além de mais três sítios e uma olaria, todos situados na Baixada Fluminense. Basicamente eram engenhos de plantação de cana-de-açúcar.

Casou-se pela primeira vez com a meia irmã Francisca Casemira Xavier de Veras, falecida em 1797. Bento Luiz de Oliveira Braga casou-se então com Francisca Mariana de Oliveira Coutinho, com quem teve filhos<sup>1</sup>.

Com o desenvolvimento da cultura do café a partir do início do século XIX, Bento Luiz passou a investir em suas fazendas no Vale do Paraíba, a das Palmas, localizada em Sacra Família do Tinguá, e a das Cruzes, localizada às margens do Rio Paraíba do Sul<sup>2</sup>. Palmas e Cruzes possuíam enormes extensões de terras, ultrapassavam cada uma, mais de sesmaria de meia-léngua em quadra, ou seja, 900 alqueires geométricos de terras. Isso comprova a importância que Bento Luiz de Oliveira Braga deveria possuir junto à Coroa, pois, poucos eram os contemplados com tamanha área de terras no Vale do Paraíba<sup>3</sup>.

Bento Luiz de Oliveira Braga faleceu em 1814, e D. Francisca Mariana casou-se, pela segunda vez, com ninguém menos que o poderoso conselheiro José Clemente Pereira. A respeito da divisão das terras situadas em Vassouras, temos que a Fazenda das Cruzes, ficou com a viúva D. Francisca Mariana e a das Palmas ficou com os filhos do casal.

Durante anos, a Fazenda das Palmas foi arrendada pelos herdeiros de Oliveira Braga a diversas pessoas. Em 1855, a parte norte da fazenda, na Serra do Mata Cães, estava arrendada ao cidadão Tiberino Gomes Sardinha, e outra porção, pouco mais ao sul, a outros<sup>4</sup>.

Palmas possuía uma localização estratégica na região de Sacra Família, a sede da fazenda ficava a pouca distância da localidade de Simão Antônio, entroncamento das estradas da Polícia (1817) e do Caminho Novo de Sacra Família do Tinguá (1750), esta, mais tarde aproveitado pela Estrada do Rodeio<sup>5</sup>.

Segundo o memorialista José Mattoso Maia Forte, a Fazenda das Palmas foi propriedade de Antônio Félix de Oliveira Braga, e chegou a possuir 650 alqueires geométricos de terras. Além da Fazenda das Palmas, Antonio Félix possuía também a Fazenda do Paraíso<sup>6</sup>, limítrofe com a fazenda do marquês de São João Marcos, da qual se separava pelo Rio Santana (FORTE, 1975, p.35).

Tudo indica que Antônio Félix só assumiu Palmas em meados do século XIX, quando de fato a transformou em uma importante fazenda cafeeira. Além da produção de café, Palmas destacou-se também como importante produtora de aguardente. Em 1854, encontrava-se entre as quatro do município de Vassouras que, além do café, possuía engenho para açúcar e aguardente, como nos informa o *Almanak Laemmerl*<sup>7</sup>.

Com a família Oliveira Braga a Fazenda das Palmas permaneceu até o final do século XIX, como consta no ano de 1876.



Estação das Palmas, nos anos 1920. Acervo Carlos Comejo, fonte: estacoes ferroviarias.com.br

Em 1878, Palmas já havia mudado de mãos, seu novo proprietário era Henrique Gaspar Lahmayer, genro do dr. Caetano Furquim de Almeida de Almeida, este casado com uma filha do barão de Vassouras (MARTINS, 2008, p.51-2).

Em 1886, o jornal *O Vassourense* noticiou a autorização dada a Lahmayer para a formação da Companhia Agrícola e Colonizadora de Vassouras, que foi instalada na Fazenda das Palmas. Segundo Roselene Martins, esta companhia era por ações, e seu maior acionista era Henrique Lahmayer. A companhia pretendia explorar a Palmas e outras propriedades que fossem adquiridas. Nelas, seriam cultivados o café e a cana, não excluindo a possibilidade de cultivo de outros produtos. Para tanto, promoveriam a substituição gradativa do trabalho escravo pelo livre e substituiriam a agricultura extensiva pela intensiva. Martins menciona ainda que:

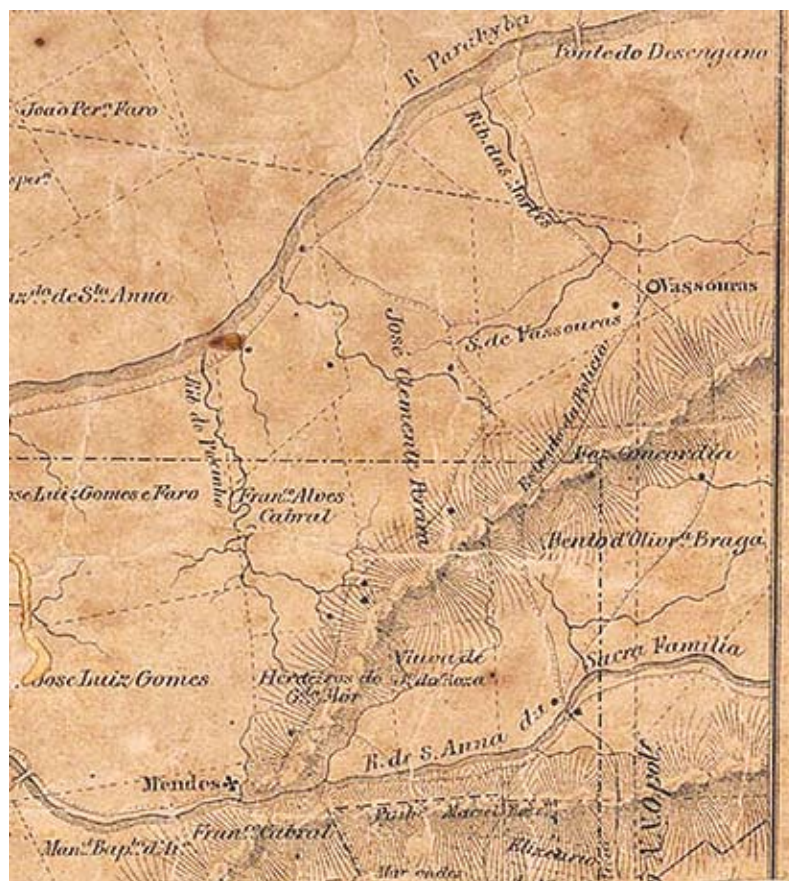
A Companhia tinha também como objetivo formar e vender lotes de terras, construir casas e tudo mais o necessário à boa colocação dos colonos proprietários do solo, dando preferência aos meeiros já estabelecidos em terras da companhia (MARTINS, 2008, p.51-2).

Lahmayer foi extremamente inovador com esta iniciativa inédita no Vale do Paraíba a propor um negócio alternativo. Os lotes saíam para os meeiros já estabelecidos na fazenda à cota de 200\$000 mil réis cada. Com isso, investiria no trabalho livre e na pequena agricultura.

No ano seguinte à criação da companhia, o mesmo jornal, *O Vassourense*, noticiava sua morte devido a um “mal súbito”. Em seguida, a companhia foi dissolvida e os herdeiros venderam a Fazenda das Palmas a Joaquim Gomes Leite de Carvalho – segundo barão do Amparo.

Joaquim Gomes Leite de Carvalho nasceu em 17 de Abril de 1830, em Amparo, município de Barra Mansa, província do Rio de Janeiro. Era filho de Manuel Gomes de Carvalho e de Francisca Bernardina Leite de Carvalho, primeiros barões do Amparo. Casou-se com Amélia Teixeira de Carvalho. Era irmão do visconde de Barra Mansa e do barão do Rio Negro. Foi agraciado com o título de segundo barão do Amparo, em 30 de janeiro de 1867<sup>8</sup>. O barão faleceu em 30 de abril de 1921, ainda proprietário da fazenda.

Com a construção da Linha Auxiliar, executada pela Estrada de Ferro Melhoramentos, a Fazenda das Palmas passou a ser atendida por uma estação ferroviária, através do “Ramal Governador Portela a Vassouras”, cuja estação foi inaugurada em 1914 com o nome de Palmital. Tempos depois teve seu nome mudado para Palmas, denominação que possuía ainda em 1940. Mais tarde, mudaram-na novamente para Barão do Amparo. Este trecho da estrada, bem como a antiga estação, foram extintos na década de 1970. Atualmente, a Fazenda das Palmas pertence ao município de Engenheiro Paulo de Frontin, emancipado de Vassouras em 1963.



Trecho do mapa original de Real Fazenda de Santa Cruz, onde aparecem as terras de Bento de Oliveira Braga, em 1848. Acervo Arquivo Nacional.

<sup>1</sup>Dados pesquisados e cedidos gentilmente por Edson Macedo Ribeiro.

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> "Planta corographica de huma parte da província do Rio de Janeiro na qual de inclue a Imperial Fazenda de Santa Cruz/ C.C.J. de Niemeyer (sic) de; Tem. Gama Lobo dez.; Cel. Belengarde e seus discipulos fez." Escala 1:200.000 [w44o ...], [Rio de Janeiro]; Litograf. De Heaton r Rensburg, 1848. Notação: 4Y/ MAP.50.Arquivo Nacional.

<sup>4</sup> Livro de Registro Paroquial de Terras. Propriedade de Joaquim José Furtado. Registro feito em 31 de dezembro de 1855, no Livro 73, p.6.6v e 7. Registro nº 11. Freguesia de Nossa Senhora da Conceição. Vassouras. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT.

<sup>5</sup> Ver "Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense, Tomo I, p. 53-78".

<sup>6</sup> Fazia parte da Imperial Fazenda de Santa Cruz e limitava-se com as terras do Marques de São João Marcos, com a Fazenda do Machado e com os herdeiros do comendador Bento Luis de Oliveira Braga. Livro de Registro Paroquial de Terras. Propriedade do capitão Antônio Félix de Oliveira Braga. Registro feito em 25 de fevereiro de 1857, no Livro 75, p.19v. Registro nº 49. Freguesia de Sacra Família do Tinguá. Vassouras. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT.

<sup>7</sup> Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro. (1854 e 1876) Eduardo Laemmert (org.). Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert. Antônio Félix de Oliveira Braga, foi avô de Oscar da Costa que foi um dos proprietários do Jornal do Comercio,desembargador Edgard Costa e coronel Oswaldo Costa e de outros netos.

<sup>8</sup>Em 7 de janeiro de 1851, Joaquim Gomes Leite de Carvalho casou-se com sua sobrinha, Amélia Eugênia Teixeira Leite (1841-1924), filha mais velha de sua irmã Ana Bernardina e de João Evangelista Teixeira Leite, o terceiro filho do barão de Itambé. O casal teve sete filhos: Amélia Gomes Leite de Carvalho (1858-1919), casou-se com Henri Gielen, em Bruxelas. Henri era filho da de baronesa Désirée de Grady de Groenendal; Alberto Gomes Leite de Carvalho (1860-1940), casou-se com Carmen Diaz Garcia (1876-1928), natural de Cadiz, Espanha; Joaquim Gomes Leite de Carvalho (?-1905); Afonso Gomes Leite de Carvalho (?-1910); Ana Gomes Leite de Carvalho (?-1917); Paulina Leite de Carvalho (1875-1962), nasceu na Suíça. Casou-se com José Veloso Pederneiras; Horácio Gomes Leite de Carvalho (1879-1958), nasceu em Bruxelas. Casou-se com Maria Teresa Monteiro de Barros (1880-1954), filha do barão de Monteiro de Barros, e tiveram um filho, também chamado Horácio, que desposou a *socialite* Lily de Carvalho Marinho.